

**AUTISMO**



**Luca Surian**

# **AUTISMO**

**INFORMAÇÕES ESSENCIAIS  
PARA FAMILIARES, EDUCADORES  
E PROFISSIONAIS DA SAÚDE**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Surian, Luca

Autismo : informações essenciais para familiares, educadores e profissionais da saúde / Luca Surian ; tradução de Cacilda Rainho Ferrante, Andréia Schweitzer – 2. ed. revista e atualizada. – São Paulo : Paulinas, 2023.

160 p. (Coleção psicologia e sociedade)

Bibliografia

ISBN 978-65-5808-209-5

Título original: L'autismo, Cos'è, come intervenire, cosa possono fare le famiglie, gli insegnanti, gli operatori

1. Autismo em crianças - Cuidado e tratamento I. Título II. Ferrante, Cacilda Rainho III. Schweitzer, Andréia IV. Série

23-0081

CDD-618.9285882

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Autismo em crianças - Cuidado e tratamento

**2ª edição revista e atualizada – 2023**

**Título original da obra:**

*L'autismo – Cos'è, come intervenire, cosa possono fare le famiglie, gli insegnanti, gli operatori*

© 2005 by Società Editrice Il Mulino, Bologna

**Direção-geral:**

*Ágda França*

**Editora responsável:**

*Andréia Schweitzer*

**Tradução:**

*Cacilda Rainho Ferrante e Andréia Schweitzer*

**Copidesque:**

*Huendel Viana*

**Coordenação de revisão:**

*Marina Mendonça*

**Revisão:**

*Sandra Sinzato*

**Gerente de produção:**

*Felício Calegari Neto*

**Projeto gráfico:**

*Wilson Teodoro Garcia*

**Produção de arte:**

*Elaine Alves*

---

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

---

**Paulinas**

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – [editora@paulinas.com.br](mailto:editora@paulinas.com.br)

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2010

A Marina e Sofia



# SUMÁRIO

## PRÓLOGO

12 de junho de 2005 .....	9
2 de abril de 2021 .....	10

## CAPÍTULO 1

Reconhecer o autismo.....	13
Das primeiras descrições até hoje.....	15
Heterogeneidade e tipos de autismo .....	19
Como se manifesta o autismo .....	20
As competências sociais e comunicativas.....	21
A aquisição da linguagem.....	24
Os interesses, as brincadeiras e o desenvolvimento motor.....	26
Diagnóstico diferencial, comorbidades, trajetórias evolutivas.....	29
Como se chega ao diagnóstico.....	31
Alguns números .....	34

## CAPÍTULO 2

As explicações biológicas.....	37
Como é o cérebro e como é estudado .....	38
Diferenças na dimensão do cérebro .....	40
Peculiaridade das diversas estruturas e na conectividade .....	43
Diferenças hormonais e metabolismo de neurotransmissores .....	51
As bases genéticas.....	52
Outros fatores de risco.....	55
Ligações bidirecionais entre genes, cérebro, mente e comportamento.....	58

## CAPÍTULO 3

Novas explicações psicológicas.....	61
A organização perceptiva .....	62
A percepção de movimento, vozes e semblantes .....	66
A atenção.....	69
Imitação, aprendizagem e memória.....	73

O raciocínio, a cognição social e o julgamento .....	80
As dificuldades no raciocínio psicológico no autismo são persistentes e universais?.....	86
Emoções e empatia .....	89
As funções executivas.....	92
As explicações psicológicas na era das neurociências.....	101
CAPÍTULO 4	
As intervenções .....	103
Como se avalia a eficiência de uma intervenção .....	105
As intervenções farmacológicas .....	108
Intervenções psicoeducativas e cognitivo-comportamentais.....	109
Psicoterapia e outras intervenções controversas .....	119
Reduzir a agressividade e a autolesão .....	124
Intervenções sobre as capacidades linguísticas e comunicativas.....	125
Como enfrentar as estereotipias e os comportamentos repetitivos .....	136
Favorecer a inclusão escolar.....	139
O autismo na idade adulta e a inclusão profissional .....	144
Intervenções na sociedade e respeito à neurodiversidade.....	148
PARA SABER MAIS.....	151
AGRADECIMENTOS.....	157



# PRÓLOGO

**12 de junho de 2005**

Artur é um menino de 10 anos de idade que frequenta o 4º ano do Ensino Fundamental. É uma criança “estranha”, que intriga adultos e outras crianças de sua idade por causa das peculiaridades de sua comunicação. Num primeiro contato na escola consegue-se identificá-lo facilmente: durante o recreio, enquanto todos brincam, ele fica sozinho num canto e de vez em quando se levanta e anda nas pontas dos pés para frente e para trás, agitando as mãos no ar como se fossem as asas de uma borboleta. Depois que se reiniciam as aulas, enquanto a professora está explicando a matéria, Artur a interrompe de repente declamando repetidas vezes e enfaticamente uma frase de um filme famoso. Se tiver que resolver um problema de Matemática, Artur parece se concentrar, mas continua repetindo em voz alta frases sem sentido. Quando lê uma história, tem dificuldade para identificar as personagens principais e compreender a trama. É afetuoso e se aproxima voluntariamente dos professores e dos coleguinhas para abraçá-los e tenta beijá-los. Seus pais, pessoas amorosas e sensíveis, logo entenderam que seu filho era “diferente”. Aos 4 anos Artur já sabia ler e escrever e possuía uma linguagem complexa, rica de palavras raramente usadas pelas demais crianças. Não obstante, preferia ficar isolado e brincar sozinho. Artur nunca gostou de novidades, manifestando um forte apego a seus hábitos. Seus dias e suas semanas são marcados por rotinas muito rígidas: às segundas-feiras precisa comprar a revista de palavras cruzadas; às terças vai à casa dos avós; aos domingos sai para dar um volta e procura por todos os automóveis vermelhos que passam. Para ir à escola, é um problema: se não

for pela rua a que está acostumado, ele entra em pânico. Os pais de Artur começaram a se preocupar e perguntar-se por que o filho não quer brincar com os outros, por que é tão prisioneiro dos mesmos hábitos, por que ama passar horas lendo a lista telefônica em vez de brincar e participar de jogos em grupo, como as crianças de sua idade. Recentemente, seguindo o conselho da professora, levaram o filho a um especialista em Psicologia Clínica. O especialista então diagnosticou autismo. Agora os pais tentam entender as implicações desse diagnóstico para o futuro de seu filho.

## 2 de abril de 2021

Artur agora tem 26 anos e ainda mora com sua família. Tem poucos amigos, que raramente vê, e suas dificuldades em interagir com outras pessoas o distinguem e não permitem que ele participe da maioria das atividades sociais pelas quais seus pares são apaixonados. Mas Artur, apesar dessas dificuldades, teve sorte em muitos aspectos. Seus pais o amam muito, fizeram de bom grado grandes sacrifícios por ele e mantiveram em casa um ambiente sereno, dominado pela aceitação, escuta e brincadeiras bem-humoradas. Encontraram uma excelente equipe de Neuropsiquiatria Infantil que, durante muitos anos, acompanhou Artur e o encaminhou para várias atividades psicoeducativas adaptadas a ele, ajudando-o a melhorar suas capacidades sociais e de comunicação e a reduzir certos comportamentos repetitivos.

Artur tem um nível de funcionamento intelectual geral acima da média e conseguiu integrar-se bem às instituições educacionais. Durante o Ensino Médio, encontrou professores preparados e sensíveis aos problemas relacionados ao autismo e seus colegas nunca o constrangeram ou zombaram de seus rituais bizarros, medos ou tom de voz

incomum; ao contrário, incluíram-no no grupo, gostavam de seu bom humor e talentos em música e matemática.

Artur corre cerca de meia hora regularmente, três vezes por semana. Ele também é um especialista em observação de aves e é membro da Lipu (Liga Italiana de Proteção aos Pássaros), do WWF (World Wide Fund for Nature) e Legambiente (associação ambientalista italiana com raízes no movimento antinuclear). Este ano ele vai se formar em Engenharia da Computação na Universidade de Pádua. Tem uma média bastante alta e demonstrou muita determinação, precisão e originalidade em vários trabalhos. Artur nunca teve uma namorada, mas há alguns meses vem trocando mensagens e conversando por telefone com Sandra, uma moça da mesma idade com síndrome de Asperger, a quem conheceu on-line, que pinta quadros grandes e coloridíssimos. Eles decidiram se encontrar no próximo mês e planejam fazer uma viagem juntos para a Escócia e a Irlanda no verão para visitar os parques naturais e os laboratórios da Universidade de Dublin, onde Artur talvez faça seu doutorado.



# CAPÍTULO 1

## Reconhecer o autismo

“Autista” é o adjetivo que o psiquiatra suíço Eugen Bleuler inventou para descrever o retraimento em si mesmo de alguns de seus pacientes (do termo *autos* que, em grego, significa “Eu”). O termo foi então utilizado por muitos autores para descrever dificuldades observadas também em crianças e adolescentes. Em um artigo em alemão de 1926, a psiquiatra russa Grunya Efimovna Sukhareva ilustra em detalhes as características autistas de seis crianças que, no entanto, foram diagnosticadas por ela com “psicopatia esquizoide de início precoce”. A distinção entre autismo e outras síndromes é proposta pela primeira vez por Hans Asperger, pediatra vienense, em uma tese de doutorado apresentada em 1943 (e publicada em 1944), na qual usou o termo “psicopatia autista”, e no mesmo ano por Leo Kanner, psiquiatra da Johns Hopkins University, em Baltimore (EUA) em um artigo. Foi também Kanner quem, num trabalho posterior, propôs chamar a síndrome de “autismo infantil”. Em sua tese, Asperger descrevia magistralmente apenas quatro meninos, mas seu trabalho foi resultado da observação de cerca de duzentas pessoas com características semelhantes. Por sua vez, em seu primeiro artigo de 1943, Kanner relatou as observações feitas em onze crianças, três meninas e oito meninos, todas caracterizadas por dificuldades marcantes nas relações sociais e na comunicação. Para esses primeiros casos, assim como para aqueles observados atualmente, os critérios diagnósticos internacionais mais recentes prescrevem o uso do termo “Transtorno do Espectro Autista”, introduzido por Lorna Wing.

O termo “espectro”, por analogia com o espectro de cores, destaca a concepção dimensional do autismo que havia sido proposta por Asperger e não compartilhada por Kanner. Essa perspectiva enfatiza uma grande variabilidade quantitativa e gradual, em vez de uma diferença qualitativa e categórica. O termo “espectro” é útil para indicar a grande diferença de características que pode ser observada entre pessoas com autismo. Segundo essa perspectiva, a diferença entre pessoas com e sem autismo deve ser pensada como uma diferença de grau, não de qualidade. O autismo é diagnosticado quando uma constelação de traços, também chamada de “traços autistas”, está presente num mesmo indivíduo e se manifesta de forma muito acentuada. Por exemplo, a criança mostra uma atenção excessiva aos detalhes, uma forte propensão para a repetição de algumas atividades e uma dificuldade considerável em aceitar mudanças, em fazer amigos e em comunicar-se. No entanto, os mesmos traços podem ser encontrados, embora de forma menos pronunciada, também em muitas pessoas com desenvolvimento típico.

Embora o uso dos termos “espectro” e “autista” seja agora universalmente aceito, a escolha do termo “transtorno” ainda é controversa. Alguns hoje até questionam se é realmente correto considerar o autismo um “transtorno mental”. O termo “transtorno” (em inglês, *disorder*) implica perturbação da saúde, um desvio patológico de uma normalidade do neurodesenvolvimento. Mas quais são as evidências de que esse desvio realmente existe, ou que, constatada a existência de um desvio ou diferença, é apropriado vê-lo como a expressão de uma patologia? O uso de outros termos como “deficiência” ou o termo ainda mais neutro “condição” é, segundo alguns, preferível porque, embora expresse a presença de dificuldades que podem tornar necessária a ajuda ou a intervenção, não sugere a presença de uma doença a tratar. O problema da

definição, como se pode constatar, é complexo e deve ser enfrentado racionalmente, à luz dos dados disponíveis. Por isso voltaremos a ele no final do livro, depois de termos discutido as manifestações comportamentais e os resultados da pesquisa sobre as bases neurais e psicológicas do autismo.

O que é o autismo e como se pode intervir sobre ele são temas hoje presentes no centro de debates acalorados promovidos não só pelas principais revistas científicas de Psicologia, Medicina e Neurociências, mas também por jornais e programas de rádio, televisão e nas redes sociais. Aprofundar o conhecimento do autismo com base em fontes de pesquisa científica confiáveis sempre foi, obviamente, uma necessidade prioritária para familiares, professores e profissionais de assistência social e saúde. Mas é importante que haja um bom conhecimento do autismo também entre os amigos e colegas de classe. Os pais de crianças com autismo fazem esforços admiráveis todos os dias para obter condições que promovam o desenvolvimento e o bem-estar de seus filhos, criando ambientes físicos e sociais que levem em consideração suas peculiaridades, necessidades e talentos. Esses esforços são recompensados quando também se melhora o conhecimento da natureza do autismo na população em geral.

## Das primeiras descrições até hoje

Hans Asperger e Leo Kanner propuseram inicialmente que o autismo (“psicopatia autista” para Asperger) era uma *síndrome*, ou seja, consistia na coexistência não aleatória de várias características. Algumas das características apontadas por eles ainda constam nos critérios diagnósticos internacionais. Outras, por outro lado, talvez fossem o resultado da amostra muito pequena e pouco representativa examinada. A incapacidade de se relacionar socialmente é

o sintoma fundamental do autismo. As crianças com autismo manifestam desde muito cedo anomalias na interação social: não se antecipam, por exemplo, com adaptações posturais, ao serem pegas nos braços e não demonstram interesse em compartilhar experiências. Essas anomalias da interação social podem ser observadas desde o nascimento ou surgir mais tarde, entre seis e doze meses; no caso de observação facial, após o segundo mês.

Na lista de traços autistas proposta por Kanner, encontramos a habilidade linguística desenvolvida tardiamente e sem funções comunicativas. A ausência de uma função comunicativa é evidente em alguns casos de repetição literal de frases ouvidas de outra pessoa, comportamento que em textos clínicos é chamado de “ecolalia”, mas em outros casos o comportamento ecolálico cumpre uma função comunicativa. Outra peculiaridade diz respeito à inversão dos pronomes pessoais de primeira e segunda pessoas do singular, ou ao uso do nome no lugar do pronome “eu”.

Kanner descreveu claramente as manifestações relacionadas à repetitividade monótona, ao repertório restrito de interesses e ao apego a rotinas disfuncionais. Outras características que ele incluiu entre os sintomas autistas – em particular o potencial cognitivo, o pânico por certos ruídos, os distúrbios alimentares e de coordenação motora – são agora consideradas frequentemente associadas ao autismo, mas excluídas dos critérios diagnósticos.

Algumas crianças com autismo exibem a capacidade de memorizar grandes quantidades de informação, se ela pertencer a um dos focos de seu interesse. Muitas vezes, esse aprendizado ocorre por simples repetição ou, de qualquer forma, sem que as informações sejam organizadas semanticamente. Além disso, as crianças podem mostrar capacidades excepcionais, especialmente na aprendizagem